
DISCURSOS E SENTIDOS NO CIBERESPAÇO:
A BIBLIOTECA DA/NA FAVELA

05

DISCOURSES AND MEANINGS IN/OF
CYBERSPACE: THE LIBRARY OF SLUM

Gustavo Grandini Bastos

Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pesquisador no E-L@DIS – Laboratório Discursivo: sujeito, rede eletrônica e sentidos em movimentos (FAPESP). E-mail: gugrandini@uol.com.br

Fernanda Correa Silveira Galli

Pós-doutora pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). Doutora em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP). Atualmente, é docente do Programa de Mestrado em Linguística e dos Cursos de Graduação em Letras e Tradutor e Intérprete, ambos da Universidade de Franca (UNIFRAN). E-mail: fcsgalli@hotmail.com

Lucília Maria Sousa Romão

Livre-Docente em Ciências da Informação e da Documentação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). Doutora em Ciência pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). Docente do Curso de Graduação em Ciências da Informação e da Documentação e Programa de Pós-Graduação em Psicologia, ambos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Coordenadora do E-L@DIS – Laboratório Discursivo: sujeitos, rede eletrônica e sentidos em movimento (FAPESP). Bolsista CNPq. E-mail: luciliamsr@uol.com.br.

RESUMO

No presente artigo, desenvolvemos uma discussão acerca do *perfil* da “Biblioteca Becei” no *Orkut* e de uma entrevista com o gerenciador do *perfil* da referida biblioteca comunitária. No que diz respeito à perspectiva metodológica e teórica, nos baseamos na Análise do Discurso de linha francesa, juntamente com contribuições teóricas do campo da Ciência da Informação. Observamos, no material de análise, como uma biblioteca comunitária afeta a constituição de uma comunidade, contribuindo para o acesso, a informação e a leitura, interferindo na estruturação e circulação discursiva de uma comunidade. O ciberespaço tem oferecido redes discursivas que permitem observações interessantes acerca de opiniões e questões dos sujeitos-navegadores, e com o *Orkut*

não é diferente, sendo possível flagrar considerações do responsável pela “Biblioteca Becei” sobre a biblioteca e a leitura em que esses discursos podem ser acessados pelos que tem acesso aquele arquivo discursivo.

Palavras-chave: Biblioteca Comunitária. Sentidos. Ciberespaço.

ABSTRACT

In the present article, we developed a discussion concerning “Biblioteca Becei” is profile in *Orkut* and of an interview with the manager of the profile of the referred community library. With concerns the theoretical perspective, we based on the French Discourse Analysis, in the interface with theoretical of the Information Science. We note as a community library affects the formation of a community contributing to access to information and reading, interfering with circulation and structuring of a discursive community. Cyberspace has offered discursive networks that allow interesting observations and opinions about issues of subject-browsers, with *Orkut* is no different, and you can catch the person responsible for considerations “Biblioteca Becei” about the library and reading in which these discourses can be accessed by those who have access to that file discursive.

Keywords: Community Library. Senses. Cyberspace.



1. INTRODUÇÃO

Nosso objetivo, neste artigo, é apresentar uma abordagem sobre o perfil de uma biblioteca comunitária (da/na favela) no *Orkut*¹ – a “Biblioteca Becei de Paraisópolis”² –, bem como problematizar a maneira

¹O *Orkut* faz parte da empresa americana Google e se apresenta como uma rede de grande uso no Brasil e mundo (KOMESU, 2007).

²Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?origin=is&uid=16982749163915256952>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

como esse *perfil* (gerenciado por seu responsável, o Senhor Cabral) movimenta sentidos no ciberespaço. Nosso *corpus* é composto, além do referido *perfil*, por recortes de uma entrevista realizada, por e-mail, com o administrador e fundador da “Biblioteca Becei”, o Senhor Cabral. Com base no referencial teórico da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, na intersecção com teóricos da Ciência da Informação, apresentamos, então, uma abordagem sobre: i) o discurso e os sentidos; ii) o ciberespaço e as possibilidades de dizer; e iii) os discursos sobre a biblioteca (da/na favela) na página do *Orkut*.

2. O DISCURSO E OS SENTIDOS

A Análise do Discurso de matriz francesa (doravante AD) surgiu em meados dos anos 60 e é marcada por fundamentar-se em três áreas do conhecimento: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise (BRANDÃO, 2004). Não se interessando por questões conteudistas comuns, por exemplo, à Análise de Conteúdo, a AD trabalha com idéias que postulam um sujeito que é afetado de maneira efetiva por questões como ideologia, discurso e silêncio, além da história e do político. Para a AD, um enunciado nunca é encarado com uma perspectiva de mera decodificação e, desse modo, permite que pensemos várias questões, dentre elas a noção de sentido de uma forma menos ingênua, já que proporciona reflexão com base em duas noções referentes a esse conceito, quais sejam: sentidos dominantes e sentidos de resistência, ambos em um constante jogo de poder entre ser e não ser dito, que circunda essa relação (ORLANDI, 1996). Assim, existe um sentido pré-existente e fixado (ORLANDI, 1997), de modo que a noção de evidência é ilusória, pois durante a leitura, os sentidos escapam e não raro caminham para outras direções antes não pensadas pelo sujeito enunciativo.

O processo que acaba por apresentar sentidos como claros para o sujeito não tem uma escolha aleatória, mas é fruto do que é aceito e imposto como natural pelo grupo dominante, que, por sua vez, está em constante tensão com o grupo dominado, que deseja aquela posição de poder. A classe dominante, então, busca a perpetuação e constante marcação do poder frente às demais classes dominadas, fazendo uso,

conforme propôs Althusser (1996), dos Aparelhos Repressivos de Estado (ARE), como o exército e a polícia, e dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), como a escola e a religião, mantendo a ordem de poder da classe dominante na exata posição que ocupa, buscando impedir alterações.

A perspectiva da AD focaliza a ideologia não como um sistema que oculta um ponto de vista, mas como ponto de relação entre sujeito e condições sócio-históricas, de modo que um dizer tenha sentido para os demais sujeitos. Assim, são as evidências que permitem que o sujeito consiga olhar a realidade através de sistemas de significação, permitindo que seu dizer tenha relação com o contexto sócio-histórico no qual está inserido (ORLANDI, 1997, 2007). Existem discursos que são encarados, muitas vezes, quase dentro de um enquadramento de lei: dentre eles, estão os discursos científico e jornalístico, que se aproximam, quase sempre, de uma lei e, como tal, não comportam opinião, interpretação e nem crítica, mas “devem” ser aceitos e maximizados na sua impessoalidade (ROMÃO; TFOUNI, 2002).

Os sentidos dominantes são compreendidos como aqueles que estão sedimentados como corretos, legitimados historicamente e socialmente inscritos como oficiais (MARQUEZAN, 2006). Marcamos que a apresentação do sentido dominante não impede a sua relação com outros vários sentidos não explícitos, já que ao dizer é impossível realizar previsões e, muitas vezes, o sujeito consegue dizer de outra forma, emergindo um sentido de resistência. O discurso dominante é amplamente difundido em regiões discursivas de poder, como no discurso científico já citado, sendo repetido por sujeitos em posições de destaque que enunciam e marcam aqueles discursos como verdades e buscam, de forma autoritária, impor uma verdade, como algo indiscutível (ORLANDI, 2003). Com o sentido dominante, retomamos dois outros conceitos: o de paráfrase e o de polissemia. No primeiro, temos a repetição, muito recorrente, por exemplo, nos discursos científicos; e na segunda, a multiplicidade, mais recorrente do discurso lúdico (CASSANO, 2003). A polissemia foca movimentações de sentidos diferentes, desejo de um deslocamento do dizer, permitindo o “novo” (ORLANDI, 1997). Com a paráfrase temos a repetição que, voltando constantemente aos mesmos espaços de dizer,

possibilita o processo de evidência de sentidos; já com a polissemia temos a possibilidade de dizer de outras formas, de maneira que os sentidos vêm a ser múltiplos (ORLANDI, 1997).

Por sua vez, os sentidos de resistência constituem-se como formulações que acabam por não imperar, aparecendo durante o momento de escape, no deslize da linguagem; assim, são outras formas de enunciar e formular concepções que são silenciadas nos sentidos oficiais e dominantes. Com esses sentidos, o sujeito pode escapar discursivamente e enunciar uma infinidade de sentidos que são silenciados dentro das estruturas dos discursos ditos oficiais; por isso, os sentidos podem ser vários, dependendo muito de quem e de onde discursiviza. Ao enunciar um determinado sentido, se silencia outra formulação possível de ter sido dita, já que ao dizer, se está, “necessariamente, não dizendo ‘outros’ sentidos. Isto produz um recorte necessário no sentido. Dizer e silenciar andam juntos” (ORLANDI, 1997, p.55).

Essa questão do(s) sentido(s) está impreterivelmente relacionada com as condições de produção do discurso, pois de acordo com determinadas condições, alguns sentidos são passíveis de serem ditos, enquanto uma série de outros não. Assim, trabalhar com as condições de produção nos traz a necessidade de um entendimento da estruturação da ideologia que interpela sujeitos e atua no processo de entendimento do sócio-histórico, naturalizando algumas formulações frente a tantas outras possíveis, mas que não são dominantes. Enunciar faz parte de um processo complexo e interessante que não se estrutura de maneira automática ou aleatória, já que o sujeito enuncia “influenciado” pelo contexto sócio-histórico, ideologia, enfim, uma série de fatores que acabam por afetar suas formulações discursivas.

Retomando a noção de silêncio, ele é postulado pela AD longe das formulações negativas, da ideia de que não diz nada, que não significa. O silêncio é visto na AD como múltiplo, como aquilo que tem sentido (ORLANDI, 1997), e pode ser nomeado de duas formas diferentes: silêncio fundador e política do silêncio. O silêncio fundador é o real do discurso, pensado como um lugar de recuo indispensável para que o sentido acabe por fazer sentido, acabe por permitir que se veja além,

onde outros tantos sentidos resistentes são avistados, onde a compreensão de que outros tantos sentidos são possíveis ocorre (ORLANDI, 2007). Como se através do/no silêncio fundador pudesse se observar além do que margeia os sentidos, obtendo condições de observar e explorar outros sentidos antes ignorados.

A política do silêncio é apresentada através de uma divisão: silêncio constitutivo, em que se apaga determinada palavra para se dizer outra; e o silêncio local, como a censura, em que não se pode dizer determinada palavra, pois ela é proibida de ser enunciada, e assim o sujeito elege outras palavras para serem ditas, dado que tantas outras lhe foram proibidas de serem ditas (ORLANDI, 2007). Pensar os sentidos dominantes e de resistência nos remete à ideia do dizer tudo: ao admitirmos a existência de dois pólos de sentidos distintos, e ao mesmo tempo irmãos, acabamos por admitir a impossibilidade de dizer tudo, pois ao dizer, acabamos muito mais por silenciar vastas e infindáveis possibilidades de ter dito outras formulações do que por saciar um desejo de explanar sobre tudo.

Se o sujeito não é fonte de seu dizer, nenhuma palavra surge como mágica, pois ela é fruto de uma memória discursiva, compreendida como o que acaba por permitir que formulações que já foram ditas circulem novamente, em outras regiões e contextos distintos do anterior. Nesse sentido, o sujeito que enuncia de posições não-dominantes trabalha com movimentações variantes de sentidos, buscando apresentar outros que muitas vezes fazem-se distantes dos que são apresentados como dominantes. Temos interesse em flagrar essas movimentações distintas de sentidos para, então, refletir sobre o modo como elas se constituem nos discursos, já que trabalhamos com noções de uma teoria que formula a ideia de que nenhuma enunciação é realizada de maneira inocente. Dessa maneira, quando um sujeito enuncia sentidos de uma dada posição, essa enunciação tem ligação com o contexto sócio-histórico no qual ele se encontra, evidenciando que a forma de dizer pode se alterar se o sujeito enunciar de uma posição diferente. Quando o favelado fala, por exemplo, é diferente de quando o presidente da república se pronuncia, da mesma maneira que existem situações que acabam por

determinar a maneira que o discurso dito por um sujeito será entendido. Por isso, ao dizer 'A' em uma palestra é diferente de dizer 'A' em uma sala de aula, bar, reunião de amigos, senado, etc. Os discursos são recebidos de maneiras diferentes, de acordo com a posição e o lugar de quem enuncia.

A problematização desse jogo de sentido dominante e não-dominante leva a uma ciranda de reflexões que acabam por nos permitir uma série de movimentações inevitáveis e que interessam a AD e ao nosso estudo sobre os discursos na rede eletrônica, ou, mais especificamente, sobre a biblioteca da/na favela.

3. O CIBERESPAÇO E AS POSSIBILIDADES DE DIZER

A rede eletrônica tem se apresentado como um campo muito rico para as discussões que envolvem as questões discursivas. A internet propiciou mudanças efetivas na vida de seus sujeitos-usuários e da sociedade (DIAS, 2005), alterando formas de relacionamento deles com questões do cotidiano e hábitos diversos. Assim, se observou alterações significativas com uma supressão do espaço-tempo, em que as tecnologias têm se configurado de maneira efetiva na vida do sujeito-navegador (ANDRADE; OLIVEIRA, 2007).

O ato de navegar passou a fazer parte do cotidiano de uma infinidade de sujeitos, no caso o sujeito-navegador, imerso em infinitas possibilidades de uma rede cheia de furos, concebida por uma perspectiva de direcionamento permeado por uma (des)ordem permanente, em um ambiente caracterizado por uma fluidez contínua, já que “navega-se na rede sem uma rota segura e linearmente traçada; sabe-se, talvez, a origem, mas não se sabe onde se vai chegar diante do emaranhado de nós ligados por conexões entre palavras e links na rede” (ANDRADE; OLIVEIRA, 2007, p. 2). Com a rede eletrônica, hábitos se alteraram e novas maneiras de comunicação e informação se apresentaram e tornaram-se possíveis, incluindo possibilidades de escrita e leitura. Temos um ambiente interativo, permeado pelas concepções de um lugar de livre enunciação, em que se tem a ilusão de tudo poder dizer e contestar, sem interrupções ou mesmo silenciamentos (DIAS, 2005). Um

entendimento de acesso e resolução de problemas tem permeado os discursos, tanto de quem trabalha com a rede como de quem a utiliza, como se ela tivesse, em seus canais e nós, todas as respostas. Tudo isso é acompanhado de um entendimento da tecnologia através de valores exacerbados, assim como os que acompanham os valores referentes à rede. Enfim, temos definições que falam (quase) de novos deuses infalíveis aos quais se acredita um acesso quase que infalível, como se todos os sujeitos tivessem o mesmo acesso.

Apaga-se, portanto, o lado desorganizado e de exclusão que permeia a rede eletrônica, como se nela só coubessem predicados maravilhosos, correspondentes a um oráculo miraculoso. Nesse ambiente, temos as comunidades eletrônicas e/ou virtuais – como o *Orkut*, por exemplo – postas como espaços cada vez mais presentes e participativos dos sujeitos-navegadores.

Dentro das comunidades eletrônicas, o sujeito busca filiação a outros sujeitos-navegadores que conhece pessoalmente ou não, ou que encontra em espaços territoriais distintos na rede, mas que possui características que de alguma forma são próximas, o que gera uma filiação. Esse é um dos objetivos do *Orkut*, por exemplo, “lugar” onde o sujeito procura cada vez criar mais filiações que sejam compatíveis com seu ponto de vista, que embasem e reforcem seu discurso, de maneira a transformar aquilo em verdade. O sujeito-navegador em uma rede eletrônica busca uma trilha que leve aos seus, conseguindo que sua voz seja ouvida, que seus sentidos sejam assimilados, difundidos e repetidos pelos sujeitos que entendem isso. Desse modo, o sujeito busca apresentar discursos que acabem por produzir sentidos para sujeitos postos em posições e processos sócio-históricos que se identifiquem com os seus, e que produzam uma verdade naqueles sentidos ditos.

Falar em um sujeito completo é uma impossibilidade, ainda mais na rede eletrônica. Temos, pois, um sujeito marcado pela modernidade líquida, em que excesso e moderação convivem em uma relação complexa, densa e tensa, o que contribui para a constituição de um sujeito heterogêneo, mutante, em constante (des)construção, de modo que a estabilidade não passa de uma distante fantasia. Este sujeito se constitui,

então, na relação com a rede eletrônica e com as mudanças concebidas pela modernidade líquida, fluida, e assim “a identidade experimentada, vivida, só pode se manter unida com o adesivo da fantasia” (BAUMAN, 2001, p.98).

As comunidades eletrônicas disponibilizam informações gerais que dizem muito sobre os sujeitos-navegadores: seus gostos são representados por comunidades, fotos, vídeos, recados, etc. Esse sujeito-navegador “ignora” a impossibilidade de tudo disponibilizar, acessar e comentar, já que muitos desses recursos só podem ser acessados se o sujeito – dono de seu *perfil*, no caso do *Orkut* – autorizar a ação. Ou seja: mesmo o sujeito tendo acesso ao *Orkut*, se ele não possui um vínculo, uma autorização com outro(s) sujeito(s); ele é barrado do acesso a determinadas informações. O discurso eletrônico, então, é plural e incontrolável, algo decorrente de um “lugar”³ com tantas entradas e possibilidades. Torna-se impossível um controle da língua, dos discursos. Temos páginas desconstruídas, apagadas, distintas, coexistindo em um movimento permanente e flexível, permitindo-nos ver sempre uma outra rede eletrônica. O sujeito-navegador, então, se joga em um mar de sentidos disponibilizados pela rede eletrônica, deseja a completude e a busca de forma incessante. Essa ideia/busca da completude é ilusória, mas também constante na vida do sujeito pós-moderno; ele necessita persistir na sua caça (GALLI, 2005).

Como nenhum texto postado na rede eletrônica está finalizado – na medida em que os sujeitos o discutem, formulam noções, mesmo que diferentes das expostas em comentários ou novos textos que circulam pela rede –, é possível pensar numa ideia de constante co-autoria. No *Orkut*, essas possibilidades de co-autoria são contínuas, já que o sujeito comenta o que é posto ali, colocando em permanente circulação novas informações que podem ser mantidas ou silenciadas pelo sujeito dono de determinado *perfil*. Esse processo revela sempre as possibilidades de dizer e a incompletude do dito, como veremos no item a seguir.

³A noção de “lugar” e “não-lugar” é abordada no próximo item.

4. A PÁGINA NO ORKUT: DISCURSOS SOBRE A BIBLIOTECA DA/NA FAVELA

Como já apontamos, o *corpus* utilizado para análise é composto por recortes: i) do *perfil* da “Biblioteca Becei” no *Orkut* e ii) da entrevista realizada por e-mail, com o Senhor Cabral, gerenciador do *perfil* da “Biblioteca Becei”. O *perfil* foi criado para permitir o contato com sujeitos-navegadores que conheçam ou têm interesse em conhecer os projetos da biblioteca, e é apresentado como um canal aberto de comunicação com seu responsável, permitindo que interessados em conhecer o projeto possam acessar uma série de arquivos⁴, tais como fotos e vídeos. A “Biblioteca Becei de Paraisópolis” foi criada no dia 3 de setembro de 1995, e conta, atualmente, com um acervo de 11 mil livros. A montagem da biblioteca comunitária ocorreu em decorrência do desejo de alguns moradores da comunidade de fornecer condições de acesso à leitura e à informação para o restante daquela comunidade, já que o contato com outros órgãos de informação, como bibliotecas escolares e públicas, é complexo ou mesmo inexistente.

Pretendemos, com a presente discussão, flagrar o *Orkut* como um espaço de difusão de informações, bem como problematizar a maneira como o *perfil* dessa biblioteca (gerenciado por seu responsável, o Senhor Cabral) movimenta sentidos no ciberespaço. Iniciamos, então, nossas reflexões a partir dos recortes da entrevista com o Senhor Cabral, na qual o indagamos, por e-mail, sobre a maneira como ele define a biblioteca que administra e que ajudou a fundar. Segue, abaixo, um primeiro recorte discursivo:

[1] A Biblioteca em que eu trabalho é um pouco **diferente** de outras que existem por aí, pois a mesma **se tornou um ponto de encontro**, um lugar para esclarecimentos de dúvidas e também porque **só trabalhamos com materiais que realmente serão utilizados no espaço**.⁵

⁴ A noção de arquivo a que nos referimos é proveniente da Ciência da Informação, que os apresenta como um conjunto de registros informacionais organizados, que podem encontrar-se nos mais variados tipos de suporte, podendo ser provenientes de um único indivíduo ou mesmo de uma instituição, estando organizados de forma que a recuperação da informação desejada seja possível (SANTOS; RIBEIRO, 2003).

⁵ Todos os grifos são nossos.

Na sequência discursiva “A Biblioteca em que eu trabalho e (SIC) um pouco diferente de outras que existem por aí, pois a mesma se tornou um ponto de encontro” notamos a presença de conceitos importantes para pensar a biblioteca na rede eletrônica: a saber, “lugar” e/ou “não-lugar”. Segundo Augé (2007), a ideia de lugar engloba uma noção histórica, identitária e permite ao sujeito estabelecer formas de relações e sentidos; o oposto é conceituado como o não-lugar, que ainda agrega em seu conceito ser quantificável e transitório. Esses conceitos são decorrentes da supermodernidade, marcada como uma época de excesso, seja de informações, lugares, tempo, etc (AUGÉ, 2007).

Partindo do que coloca Augé (2007), a “Biblioteca Becei” pode ser entendida no entremeio do lugar e do não-lugar, na medida em que se configura como um espaço de identidade em que os sujeitos da comunidade de Paraisópolis realizam encontros e trocas, ou seja, algum tipo de vínculo; por outro lado, trata-se, também, de um espaço que é da ordem do transitório. Observamos que quando o administrador da “Becei” explana acerca de uma biblioteca que é distinta das demais, fala não apenas de um local que permite que a comunidade tenha outras relações com o espaço, mas deixa emergir outro movimento de sentidos, que aponta para a pouca relação que existe entre outras bibliotecas e suas comunidades.

Assim, pensamos que o que ocorre nessa biblioteca é, na verdade, um processo de identificação que é efêmero, já que vivemos num período de transitoriedade, em que os lugares que antes eram tradicionalmente observados como marcados por um sentido de identificação, não o são mais, fenômeno que ocorre como consequência de uma época de fluidez permanente (BAUMAN, 1999). Essa relação próxima da comunidade com a biblioteca é um assunto muito problematizado na literatura científica da Biblioteconomia e da Ciência da Informação e também nos veículos de comunicação, tais como jornais e canais de TV, que trazem em muitos casos sentidos de abandono, defasagem e desatualização desses espaços, que se distanciam da ideia já apresentada de lugar e da própria “Biblioteca Becei”. A noção de identificação (AUGÉ, 2007; BAUMAN, 2005) fornece elementos para a reflexão acerca do sujeito

contemporâneo, marcado pela ilusão da fluidez e da dúvida, que deseja ser livre de amarras e ligações rígidas, mas que, ao mesmo tempo, busca estabelecer laços dentro de um determinado grupo (BAUMAN, 1999). Entretanto, com base em Bauman (1999, 2004, 2005), podemos pensar estes laços como identidades-cabide, a partir das quais o sujeito consegue caminhar lado a lado com outros sujeitos que teriam, naquele momento, causas ou ideais semelhantes aos seus, mas que pode, de maneira rápida, abandoná-los por outros (inclusive podem ser opostos aos que anteriormente ele defendia).

O imbricamento entre lugar e não-lugar pode ser observado novamente quando refletimos sobre o seguinte fragmento da entrevista: “só trabalhamos com materiais que realmente serão utilizados no espaço”. O adjetivo ‘só’ marca a ideia de exclusividade, postulada como uma característica dessa biblioteca, que é a de possuir apenas o que interessa para aquela comunidade: não apenas livros, mas também outros recursos informacionais, visto o uso da palavra “materiais” para representá-los. Marcamos que essa postulação do desejo de trabalhar apenas com o que é de interesse da comunidade nos remete aos objetivos das bibliotecas comunitárias, entre as quais a “Biblioteca Becei” se enquadra. Na entrevista, temos ainda a seguinte colocação:

[2] A BIBLIOTECA Becei de Paraisópolis foi **fundada para levar cultura e informação** através do **livro** e hoje contamos também com a **tecnologia da informática**. Nosso principal objetivo é o incentivo à leitura, através de contação de histórias e trazendo livros atuais. Não temos muitas dificuldades, pois a maioria de nossos usuários **nos visitam mais pelo prazer da leitura e não só para realização de pesquisas**.⁶

No recorte acima, o conhecimento e a informação são apresentados como partes dessa biblioteca, que parece possibilitar o acesso a ambos – conhecimento e informação – dentro das comunidades. Esclarecemos que as noções de conhecimento e informação são, muitas vezes, confundidas e usadas como sinônimas; no entanto, como “a carência da informação provoca a ausência do conhecimento” (KOBASHI;

⁶Grifos nossos.

TÁLAMO, 2003, p. 9), marcamos que os dois conceitos são distintos, embora estejam interligados, pois sem condições de acesso às informações não temos o conhecimento. Desse modo, obter o conhecimento não significa reter informações de forma acumulativa, mas conseguir, através destas, obter uma nova forma de atuação e entendimento do/ no mundo (MATOS, 2003).

Na primeira parte do recorte, temos a seguinte formulação: “fundada para levar cultura e informação através do livro e hoje contamos também com a tecnologia da informática”, na qual observamos a existência do desejo de permitir que os membros daquela comunidade consigam acessar, através de determinados suportes informacionais, o livro e os serviços de informação oferecidos através da internet, tais como bases de dados eletrônicas, portais de pesquisa institucionais, entre outras possibilidades. A “tecnologia da informática”, por sua vez, parece ser o facilitador desse processo de aquisição de informações e conhecimentos.

Trata-se, de nosso ponto de vista, de uma série de informações que visam proporcionar uma relação entre sujeitos e equipamentos de informação, permitindo que esses sujeitos entrem em contato com outras realidades culturais e informacionais distintas da sua realidade. Assim, a biblioteca é falada como um espaço que tem condições de oferecer tais oportunidades. Observamos, também, através do “não-dito” (ORLANDI, 1997), na entrevista do fundador da biblioteca, um momento de ruptura quando ele explana acerca de sentidos de obrigação e controle que escapam e falam da ausência de bibliotecas em nosso país, como aparece no trecho “a maioria de nossos usuários nos visitam mais pelo prazer da leitura e não só para realização de pesquisas”.

No que se refere à página inicial da biblioteca, no *Orkut*, temos descrições referentes a essa instituição, tais como nome, aniversário, telefone, e-mail e outros dados que podem interessar a quem acessa aquela página eletrônica. A biblioteca é posta como uma pessoa, pois não temos uma comunidade sobre ela, mas um *perfil*, algo típico de um sujeito-navegador. Quando se trata de instituições, geralmente se realiza a construção de uma comunidade virtual; mas da forma como

a “Biblioteca Becei” aparece, ela fica mais próxima ainda dos sujeitos-navegadores, ao colocá-los como amigos que podem ser adicionados e ter a seu dispor informações sobre seu *perfil*.

Ao olharmos as comunidades que estão adicionadas ao *perfil*, notamos que elas estão relacionadas, de uma forma ou outra, ao universo das bibliotecas. Sustentando um espaço voltado para a circulação de sentidos sobre biblioteca, ali existem filiações e indicações sobre discursos nos quais se apóiam os dizeres desse sujeito, indicando locais que têm ideias que possam interessar a outros sujeitos-navegadores. Esses discursos parecidos convergem e caminham para um direcionamento conjunto e de fluxo próximo, como se tivéssemos um trilho em que se pode caminhar e que aparenta proporcionar segurança para os sujeitos-navegadores que seguem o *perfil* da “Biblioteca Becei”. Vejamos a figura abaixo:



Figura 1: Comunidades ligadas ao perfil da Biblioteca Becei.

No processo de construção dessa página, o sujeito acaba por disponibilizar uma série de informações que convergem ou divergem na sua composição, indicando uma variação de vozes que compõem e formam o *perfil*. Ter acesso a essas vozes permite-nos procurar entender

as formações sócio-históricas do sujeito, seus desejos, gostos, não gostos e tantas outras questões relacionadas à(s) posição(ões) que ele ocupa. Seleccionamos dois registros fotográficos que fazem parte desse *perfil* na rede, ambos sem autoria, dentro de pastas respectivamente distintas. Uma foi nomeada e está dentro da pasta identificada como “Expansão da BECEI”, que fala das novas bibliotecas que serão abertas futuramente e traz algumas imagens desse local; a outra, chamada “Indicações de Julho”, faz referência a imagens de capas de obras literárias de distintos gêneros, as quais são indicadas como leituras do mês, algo comum em livrarias ou editoras virtuais. Abaixo, trazemos a primeira imagem:

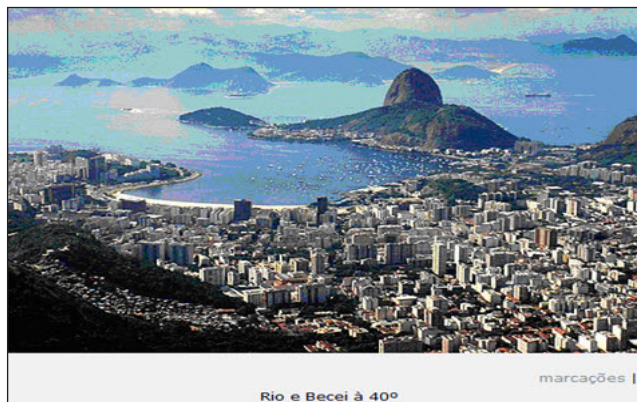


Figura 2: Foto no álbum da Biblioteca Becei.

Temos, na figura 2, uma fotografia aérea da cidade do Rio de Janeiro. O motivo de sua presença no *perfil* da biblioteca é justificado pelo fato de que a cidade do Rio de Janeiro receberá uma ‘filial’ da “Biblioteca Becei”, que, através de parcerias, irá atuar em uma das favelas desse município. A fotografia é um texto não verbal, que corresponde a uma textualidade de determinada época. Esse tipo de texto se organiza de duas maneiras distintas: de um lado, com as expressões referentes às questões técnicas, que trata de posições como enquadramento e cor; e de outro lado, o campo dos conteúdos que diz respeito às pessoas, objetos e outros elementos que compõe a imagem (MAUAD, 2005). A

análise de uma foto requer atenção, entre elas a análise de como ela se compõe: forma como o espaço é dividido, luz, enquadramento, contraste e outros elementos importantes quando se estuda uma fotografia (MANINI, 2004). Existe a ilusão de evidência e realismo associada à fotografia, como se ela traduzisse um discurso da realidade; mas, o que de fato acontece é que ela exclui, silencia outras possibilidades de ângulo, enquadramento, cor, enfoque... e omite o que levou o fotógrafo a realizar aquelas escolhas e não tantas outras possíveis (MAUAD, 2005).

Observamos, num primeiro momento, a questão do enquadramento da fotografia: de um lado, estão os barracos de uma das favelas da cidade; do outro lado, temos os prédios da cidade; e no fundo, o Pão de Açúcar e o mar, evidenciando uma cidade que é fragmentada e que nos é apresentada assim, com uma paisagem ensolarada, uma beleza natural regular contrastando com as construções da cidade, irregulares, abrigando prédios altos e, ao mesmo tempo, construções mais simples dos barracos das favelas. Entretanto, tudo parece se enquadrar em uma simetria única.

O Pão de Açúcar remete a uma memória sonora e visual que trabalha com o imaginário de um lugar bonito, sendo referenciado em várias músicas de ícones de nossa MPB, tais como Caetano Veloso e Erasmo Carlos. Circulam, então, sentidos que reforçam esse imaginário de uma cidade bela, mas que também é afetada por questões como a desigualdade social, miséria, pobreza, dentre outras. A memória visual é retomada ao lembrarmos desse mesmo Pão de Açúcar ocupando espaços importantes em documentos visuais, como cartões postais, fotografias ou filmagens sobre o Rio de Janeiro, postulando sentidos de beleza. Na foto aparece a seguinte legenda: “Rio e Becei à 40°”, que nos remete a uma ideia de movimento, efervescência, referente à questão de movimentação cultural decorrente da implantação da nova unidade de biblioteca no Rio de Janeiro. No enunciado temos, também, representações de crescimento, de não paralisação da atividade cultural e, principalmente, das ações da “Biblioteca Becei”, que agora passa a atuar em outra cidade e em outro estado, além de São Paulo. A legenda nos remete, ainda, à famosa música “Rio 40 Graus”, da cantora Fernanda Abreu, que fala de

um Rio de Janeiro marcado pelas diferenças, pelo calor tropical, pela energia das pessoas, enfim, pela movimentação da cidade.

Existem, assim, deslizamentos de sentidos, que podem ser observados em alguns trechos da música: “Rio 40 graus cidade maravilha purgatório da beleza e do caos”, “Cidade sangue quente maravilha mutante” e “Capital do sangue quente do Brasil, Capital do sangue quente do melhor e do pior do Brasil”. A fotografia, então, nos traz significantes de acolhimento frente à montagem da biblioteca no Rio de Janeiro, fazendo referência a configuração de uma cidade unificada, em que universos distintos e que disputam espaço e poder acabam sempre entrelaçados, já que temos o urbano presente nos grandes prédios que parece se unir, de maneira simétrica, aos barracos das favelas e igualmente à paisagem natural do Pão de Açúcar e do mar que banha a praia, reforçando a ideia de uma cidade em construção e em desenvolvimento. Vejamos outra foto, abaixo:



Figura 3: Foto no álbum da Biblioteca Becei.

Nessa figura 3, temos a ilustração do arquivo que contém as fotos das capas de uma série de livros que são apresentados como os indicados do mês, os quais foram incorporados ao acervo da biblioteca. Essa

imagem de um livro junto a um campo aberto, natural, revela a ideia de um espaço livre, longe de amarras, imposições, em que os livros estão dispostos de maneira livre, prontos para serem apanhados e lidos de maneira que se desejar, como se a árvore representasse a biblioteca e os livros seus frutos, prontos para serem (re)colhidos e saboreados do modo que se desejar. Existe a apresentação de um espaço claro, céu límpido e verde, com livros muito coloridos, revelando uma diversidade de possibilidades a serem apreciadas na indicação. Marcamos, ainda, a biblioteca muito representada como um espaço que possui apenas livros e pouco aberta a existência de outros recursos informacionais, ainda que o representante da “Becei” tenha falado sobre isso na entrevista. A árvore representando a “Biblioteca Becei” é o canal que fornece aos sujeitos condições de acessar aqueles livros. O imaginário da biblioteca apenas como o lugar do livro ainda é muito recorrente, já que na maioria dos casos são eles que encontramos nas bibliotecas brasileiras e, durante muito tempo, foram os grandes representantes dessa instituição no nosso país (MILANESI, 2002).

Novamente, temos o funcionamento de um “lugar”/“não-lugar”, em que a indicação do mês revela que aquelas obras possuem maior relação com aquela comunidade, e pode instaurar uma identificação nos leitores. Daí, a importância de ser apresentada nos arquivos do *perfil* do *Orkut*. No entanto, destacamos que essa lista não é permanente, sendo modificada mensalmente, de modo que novas obras dão lugar às antigas, e assim a imagem das obras é descartável, sua apresentação só tem importância durante o tempo que é recém chegada a “Biblioteca Becei”. A apresentação de uma lista dos indicados do mês é uma prática pouco comum nas bibliotecas, mas muito presente nas editoras e livrarias, com o intuito de divulgar promoções e vendagem de obras, o que nos traz mais uma nova (re)formulação acerca da “Biblioteca Becei”, que mesmo não tendo interesse na venda de livros, realiza a divulgação das obras do acervo para promover o interesse pela leitura.

5. CONCLUSÕES

A Análise do Discurso (AD) busca constituir-se como uma ciência

que vasculha formulações, não encarando enunciados como palavras que devem ser decodificadas, já que pretende refletir acerca das formulações de sentidos, concebendo as possibilidades dadas ao sujeito de conseguir dizer de outras maneiras distintas das imaginadas ou permitidas. A AD admite que a mesma palavra tome cores e formas diferentes: dependendo da posição ocupada pelo sujeito, uma formação discursiva sempre permitirá movimentações de sentidos outras. Nessa perspectiva, o ciberespaço se apresenta como um campo fértil para estudos da AD, o que pode ser evidenciado em nosso trabalho.

Consideramos pertinente marcar que os dizeres do *perfil* da biblioteca (da/na favela) no *Orkut* e da entrevista do gerenciador do *perfil* apontam uma constante movimentação de sentidos e sujeitos no ciberespaço. A necessidade de um “lugar” específico para uma biblioteca aparece é desconstruída, o que aponta para uma constante fluidez do sujeito contemporâneo. Pontuamos, ainda, que alguns pesquisadores, como Bastos e Romão (2011a), Bastos, Almeida e Romão (2011b), Bastos, Galli e Romão (2013), Machado (2008), Milanese (2002) e Silva (2003), indicam que bibliotecas como a “Becei”, que é uma biblioteca comunitária, têm surgido como resultado da ausência de bibliotecas em nosso país, como as bibliotecas escolares e públicas, apresentando-se como uma alternativa para suprir a carência de informação das comunidades, na maioria das vezes localizadas em regiões periféricas dos grandes centros urbanos ou rurais que sofrem com a ausência de unidades de informação.



6. REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado (notas para uma investigação). In: ZIZEK, S. (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 105-142.
- ANDRADE, A. M. C. R. e; OLIVEIRA, M. R. M. de. Blogs jornalísticos: entre discursos e subjetividades. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, 2., 2007, Ceará. **Anais...** Ceará: Universidade Federal do Ceará, 2007. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete//hipertexto2007/anais/ANAIS/Art06_Andrade&Oliveira.swf>. Acesso em: 20 jan. 2013.
- AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papius, 2007.

- BASTOS, G. G.; ROMÃO, L. M. S. A construção de bibliotecas comunitárias e o desejo de acessar: sentidos em movimento. *DataGramaZero*. Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, ago. 2011a. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago11/Art_03.htm>. Acesso em: 25 abr. 2013.
- BASTOS, G. G.; ALMEIDA, M. A. de; ROMÃO, L. M. S. Bibliotecas comunitárias: mapeando conceitos e analisando discursos. *Informação & Sociedade*. João Pessoa, v. 21, n. 3, p. 87-100, set./dez. 2011b. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/10822>>. Acesso em: 25 abr. 2013.
- BASTOS, G. G.; GALLI, F. C. S.; ROMÃO, L. M. S. Discursividades sobre o bibliotecário. *Perspectivas em Ciência da Informação*. Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 2-14, jan./mar. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v18n1/02.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2013.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.
- _____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- _____. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2 ed. Campinas: Editora Unicamp, 2004.
- CASSANO, M. da G. A perspectiva discursiva da leitura e algumas considerações relativas ao seu ensino-aprendizagem na educação fundamental. *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, v. 3, n. 2, p. 63-82, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0302/6%20art%204%20P.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2013.
- DIAS, C. P. Arquivos digitais: da des-ordem narrativa à rede de sentidos. In: GUIMARÃES, Eduardo; PAULA, M. R. B. de (Org.). *Sentido e memória*. Campinas: Editora Pontes, 2005.
- GALLI, F. C. G. O sujeito-leitor e o atual cenário tecnológico e globalizado. *REVISTA LETRA MAGNA: Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura*. São Paulo, v. 2, n. 3, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.letramagna.com/Fernanda_Correa_Silveira_Galli.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.
- KOBASHI, N. Y.; TÁLAMO, M. de F. G. M. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. *Transinformação*. Campinas, v. 15, p. 7-21, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000007542&dd1=34129>>. Acesso em: 15 mar. 2013.
- KOMESU, F. Internetês para interneteiros: (velhas) questões sobre escrita. *Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 36, n. 1, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/86.PDF>>. Acesso em: 01 mar. 2013.
- MACHADO, E. C. *Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil*. 2008. 183 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)-Escola de Comunicações e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- MANINI, M. P. Análise documentária de fotografias: leitura de imagens incluindo sua dimen-

são expressiva. *Cenário Arquivístico*. Brasília, v. 3, n. 1, p. 16-28, 2004. Disponível em: <<http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/946>>. Acesso em: 04 mar. 2013.

MARQUEZAN, R. *O discurso sobre o sujeito deficiente produzido pela legislação brasileira*. 2007. 173 f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/12191/000623771.pdf?sequence=0>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

MATOS, C. M. A. de M. Conhecimento X informação: uma discussão necessária. *Revista Espaço Acadêmico*. Maringá, n. 31, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/031/31cmatos.htm>>. Acesso em: 01 mar. 2013.

MAUAD, A. M. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133-174, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v13n1/a05v13n1.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2013.

MILANESI, L. *Biblioteca*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editora, 2002.

ORLANDI, E. P. A leitura proposta e os leitores possíveis. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *A leitura e os leitores*. 2. ed. Campinas: Editora Pontes, 2003.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

ROMÃO, L. M. S.; TFOUNI, L. V. Vejam, caros amigos: o litígio no discurso jornalístico. *Achegas.net*. Rio de Janeiro, v. 2, 2002. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/doi/lucilia_e_leda.htm>. Acesso: 06 fev. 2013.

SANTOS, G. C.; RIBEIRO, C. M. *Acrônimos, siglas e termos técnicos: arquivística, biblioteconomia, documentação, informática*. Campinas: Editora Átomo, 2003.

SILVA, W. C. da. *Miséria da biblioteca escolar*. 3. ed. São Paulo, Cortez, 2003.